

DOSSIÊ
TEMÁTICA LIVRE



APRESENTAÇÃO

Arlene Anélia Renk*

* Doutora em Antropologia Social, docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Ambientais da Unochapecó. Coordenou a Revista Grifos até a edição de volume 19 e neste ritual de passagem, presenteia-nos com esta significativa reflexão.

A institucionalização da Revista Grifos no Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais

Dino Buzzati é autor do clássico *O deserto dos tártaros*. Giovanni Drogo cumpre posição militar na longínqua fortaleza, em prontidão a combater os tártaros vindos do deserto. Espera. Sempre à iminência do perigo. Disciplina. Vigilância. O sentido da vida. Metáforas. Uma metáfora é uma metáfora.

Na vida acadêmica há muitos desertos, cercados ou não por estranhos imaginários. Um dos traços indelévels é conhecer e aliar-se aos tártaros para transformar a angústia da vigilância em tempos prazerosos de produção, leitura e circulação. Oxalá a Revista Grifos circule com toda a magnitude nesses novos espaços. Desertos (metafóricos) não existem mais?

Se existe um periódico que acompanhou as mudanças e vicissitudes da instituição que ora nominamos por Unochapecó, é a Grifos. Traz a carga positiva e também as máculas da caminhada. Seu layout, do n. 01 ao atual, experimentou diversas tendências. Na coordenação de revistas, vários docentes da casa, presentes e ausentes, colaboraram e deram o melhor de si. Outros foram valorosos na organização de brilhantes dossiês, pelos quais o periódico notabilizou-se, pelo seu caráter institucional, e multidisciplinar.

Neste momento, a Unochapecó conta com seus programas de *stricto sensu* e, dentre estes, o Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais passa a “acolher” e coordenar a Grifos como instrumento de acumulação crítica do que é produzido no Programa e entre pares de outras instituições, numa troca fecunda, rompendo os desertos e os temores de tártaros. Que nesse novo contexto se possa produzir pelo prazer, aliado à responsabilidade, de circular ideias, debatê-las, nos mais diversos espaços, lembrando sempre que as fronteiras são construídas, logo, podem ser rompidas. Sem destinos.

Não há tártaros no horizonte. Somos todos nós. No sentido de escrever, não no sentido do dever inerente ao *stricto*, mas também como ato positivo, de comunicação, de desejo de partilha, mesmo que estejam inseridos numa arena com normas e regras, mas que possamos estabelecer confrontos menos mensurativos e mais comunicativos, menos efeitos “salames” e mais referentes aos homens e mulheres de determinados contextos. Afinal, a mensurar e mensurar, estaremos como os oficiais, preparando os armamentos para a luta inócua (?). As formas de viver decente podem ser repensadas.